

## DO DIAGNÓSTICO À INTERVENÇÃO NOS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

Cátia Patrícia Preto Santos<sup>1</sup>

Dircélia Boaron de Pina<sup>2</sup>

Elina Maria de Faria Silva<sup>3</sup>

Elvira Livonete Costa<sup>4</sup>

**RESUMO:** Os problemas de aprendizagem afetam negativamente a vida escolar, familiar, social e psíquica de muitas crianças e adolescentes, causando sofrimentos e perda da autoestima. Por isso é muito importante conhecer um pouco sobre transtornos de aprendizagem, conceitos e classificação. Saber os sinais e sintomas são conhecimentos importantes. Porém, mais ainda é fazer desses conhecimentos um aliado na construção do processo de ensino aprendizagem do mesmo. Esse trabalho buscou analisar tal temática a partir de alguns referenciais teóricos, tais como: Morin (1996); Drouet (2001); Relvas (2010); Topczewski (2002); entre outros. Objetivando compreender que a escola precisa e deve ser um ambiente agradável que privilegie o desenvolvimento da aprendizagem, pois o aluno, através deste, convive com novos conhecimentos e pessoas diferentes. E é por isso que as escolas devem se preocupar em apresentar novas propostas de trabalho, a fim de preparar os professores para compreenderem melhor os alunos, respeitando o ritmo de cada um e prestando assistência sempre que necessário, para que assim o aluno desenvolva sua capacidade intelectual cognitiva com prazer.

**Palavras-chave:** Transtornos. Aprendizagem. Professor. Escola.

**ABSTRACT:** Learning problems negatively affect the school, family, social and psychic life of children and adolescents, loss of feelings and loss of self-esteem. For this reason it is very important to know the learning disorders, concepts and classification. Signs and symptoms are important. But even more so is the students' knowledge in building the teaching process. This work sought to analyze this theme from some theoretical references, such as: Morin (1996); Drouet (2001); Relvas (2010); Topczewski (2002); among others. The learning disorder the school should and should be a pleasant environment that privileges the development of learning, because the student, through this, coexists with new knowledge and different people. Schools should prepare to enroll new work proposals, prepare teachers to better understand students, respect the pace of each and provide assistance where necessary, so that the student develops their cognitive intellectual capacity with pleasure.

**Keywords:** Disorders. Learning. Teacher. School.

---

<sup>1</sup> Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. [catiappreto@hotmail.com](mailto:catiappreto@hotmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. [dirceliaboarom@hotmail.com](mailto:dirceliaboarom@hotmail.com)

<sup>3</sup> Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. [elinam.faria@gmail.com](mailto:elinam.faria@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestra em Letras – Literatura e crítica Literária. Especialista em Psicopedagogia. [elvira-livonete@hotmail.com](mailto:elvira-livonete@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende abordar, com certa profundidade, os transtornos de aprendizagem e qual a atuação do professor e da escola na tentativa de minimizá-los e de propiciar aos alunos a construção do conhecimento de modo significativo. O transtorno e dificuldades de aprendizagem impedem que o aluno aprenda de modo eficaz e se desenvolva plenamente junto à sua turma. Logo, se não forem diagnosticados e tratados mais dano causará ao emocional, podendo contribuir para a evasão e repetência escolar. Posto que, se o aluno não consegue aprender e desenvolver suas habilidades pode sentir-se desmotivado, achar-se um “peixe fora d’água” em relação aos seus colegas de sala de aula e desistir de tentar construir os conhecimentos escolares. Entendendo que a não aprendizagem dos alunos implica em graves prejuízos no processo educacional, o professor precisa desenvolver o “olhar clínico” em relação ao crescimento das crianças. Ele é o grande responsável pelo avanço acadêmico dos alunos. Faz-se relevante, sobretudo, que se compreenda o que são transtornos e dificuldades de aprendizagem para que possa entender e atuar de modo a promover o aprendizado satisfatório dos alunos superando, dessa forma, as dificuldades de aprendizagem. A escola é fundamental no processo de regulamentação dos sintomas. É importante lembrar que é neste espaço que a criança permanece a maior parte do seu dia.

De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o educador é coautor do processo de aprendizagem dos alunos. Neste sentido faz-se necessário que o docente desenvolva um trabalho diferenciado, em sala de aula, na intenção de minimizar as dificuldades de aprendizagem para que os alunos com transtornos de aprendizagem possam construir seu conhecimento significativamente. Assim, a escola deve promover atividades diferenciadas para assegurar o aprendizado. O papel dos pais, no acompanhamento escolar do aluno, também é de extrema importância para o aprendizado e para o crescimento pessoal.

### 1. APRENDIZAGEM

Em uma rápida retrospectiva histórica, antes de falarmos sobre transtornos de aprendizagem, abordaremos o processo de aprendizagem. Tema que perpassa diferentes linhas de pesquisa. Desde o século passado quando se tornou objeto de estudo, decorrendo pelas décadas de 1950 e 1970, época que passou a ocupar maior espaço no meio científico, até as décadas de 1990 a 2000, a chamada “era do cérebro”. Em meio a toda essa trajetória, inúmeros conceitos embasaram as reflexões com intuito de explicar como se dá o processo pelo qual a aprendizagem se efetiva.

Para autores como Topczewski (2002), a aprendizagem pode ser traduzida como a capacidade e a possibilidade que as pessoas têm para perceber, conhecer, compreender e reter na memória as informações obtidas. Autores como Morin (1996) referem que o cérebro é o órgão onde se forma a cognição sendo, por excelência, o órgão mais organizado do nosso organismo. O que pressupõe que todo esse processo tem no cérebro a sua matriz, por ser este o órgão que, segundo a literatura especializada, exerce a função de controlar os movimentos, receber e interpretar os estímulos sensitivos, coordenar os atos da inteligência, da memória, do raciocínio e da imaginação.

Na última década muito se tem escrito sobre o funcionamento do cérebro, mas ainda se tratava de um conhecimento limitado pela falta de instrumentos de pesquisa. Hoje graças aos avanços e as descobertas na área da Neurociência, os neurocientistas puderam realizar os sonhos de poder ver o cérebro humano em plena atividade, permitiram o desenvolvimento de novas tecnologias, como técnicas de neuroimagem, que ajudaram os pesquisadores a aprofundar os conhecimentos sobre os processos neurofuncionais. Foram exatamente esses estudos que permitiram a compreensão de como a aprendizagem modifica a estrutura física cerebral, estabelecendo novas conexões de acordo com as mais diferentes situações de aprendizagem, reorganizando-se de forma contínua e flexível. Segundo Gómez e Téran:

isso ocorre, por exemplo, quando o cérebro aprende por meio da experiência e da estimulação, em um processo que acrescenta ou elimina as conexões entre as células, causando mudanças na quantidade de substâncias químicas (neurotransmissores) que exerceram a função de transmitir mensagens ou quando o funcionamento de uma determinada área cerebral se torna mais ativo (GÓMEZ; TÉRAN, 2009, p. 42).

Dentro desse processo cada estrutura exerce uma função específica no processo de aquisição da aprendizagem, estabelecendo conexões e atribuindo significado às informações, fazendo-se necessário que haja integridade entre essas funções. Os estudos neurocientíficos classificam essas integridades em três níveis de funções: Psicodinâmicas, Funções do Sistema Nervoso Periférico, Funções do Sistema Nervoso Central.

As Psicodinâmicas são responsáveis pelo controle e pela integridade psicoemocional. A aprendizagem ocorre também pela assimilação por meio dos processos psíquicos; já as Funções do Sistema Nervoso Periférico são responsáveis pelos receptores sensoriais. Isso significa que aprendemos ao receber informações por meio dos sentidos, principalmente a audição e a visão, por serem estes considerados os principais canais para a aprendizagem simbólica; e Funções do Sistema Nervoso Central são responsáveis por armazenamento, elaboração e processamento da informação e pelas modificações funcionais e de condutas.

De acordo com os estudos da Neurociência as áreas cerebrais envolvidas nesses estímulos são: córtex cerebral, nas áreas do lobo temporal, recebe, integra e organiza as percepções auditivas; as áreas temporais e occipitais recebem, integram e organizam as percepções visuais; as áreas temporais e occipitais se ligam às áreas motoras do lobo frontal, situado na terceira circunvolução frontal, responsável pela articulação das palavras. A circunvolução frontal ascendente é responsável pela expressão da escrita; a área parietotemporoccipital é responsável pela integração gnóstica, e as áreas pré-frontais, pela integração práxica, desde que essas funções sejam moduladas pelo afeto e pelas condições cognitivas de cada um. (RELVAS, 2010).

Percebe-se, então, que o sistema nervoso é de extrema importância para a vida humana e que de seu bom funcionamento dependerão as múltiplas aprendizagens que vamos acumulando durante toda a nossa existência.

Assim sendo, não podemos falar do processo de aprendizagem sem mencionar os processos neurobiológicos nele envolvidos e da necessidade de contextualizá-lo nos meios educacionais. Estudos referem que é primordial que o professor compreenda que existem uma biologia, uma anatomia e uma fisiologia no cérebro que aprende, e, para tanto, a Neurociência tem contribuído muito, não só para melhor entendermos a diversidade cerebral, mas principalmente para cooperar com as práxis, em sala de aula, na compreensão das dimensões cognitivas, motoras, afetiva e sociais, no redimensionamento do sujeito aprendente e nas suas formas de intervir nos ambientes pelos quais perpassa.

De acordo com Rocha Drouet (2001 p. 9), existem pelo menos sete fatores fundamentais para que a “aprendizagem se efetive, seja qual for a teoria de aprendizagem considerada: saúde física e mental; prévio domínio; maturação; motivação; inteligência; concentração ou atenção e memória”.

Segundo a autora a criança está pronta para aprender, quando ela apresenta um conjunto de condições, habilidades, capacidades e aptidões consideradas como pré-requisitos para início de qualquer aprendizagem.

Ao conjunto de todos esses elementos, Ausubel (1978, p. 60) chamou de “prontidão para a aprendizagem”.

## **2. TRANSTORNOS OU DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM**

Atualmente, os distúrbios de aprendizagem são muito comuns. Nos transtornos de aprendizagem, há problemas em áreas específicas do cérebro. Há uma característica de origem genética, neurobiológica. A criança nasce com uma falha de processamento. Não quer

dizer que não vá aprender, ela vai, só que de uma forma diferente. Ela precisa apenas de outras estratégias, e muitas vezes, de atendimentos especializados para avançar nos estudos.

Vale ressaltar que transtorno e dificuldade de aprender são coisas distintas. Quando se confunde transtorno e dificuldade, sérios problemas podem surgir de forma negativa na vida da pessoa com efeitos indesejáveis.

As crianças com transtornos de aprendizagem podem apresentar dificuldades para se comunicar. Algumas crianças podem se sentir inicialmente frustradas e mais tarde desenvolver problemas comportamentais, como se distrair facilmente, ser hiperativas, retraídas, tímidas ou agressivas.

Para diagnosticar problemas durante a vida escolar, no processo de aprendizagem do aluno, o profissional especializado é o psicopedagogo. Ele pode ajudar a ver qual o distúrbio exato que há com a criança podendo, assim, ajudar no processo de desenvolvimento da vida acadêmica e melhoramento do problema que houver.

Os transtornos de aprendizagem tem sido objeto de estudo de diferentes linhas de pesquisas. Cabendo aqui citarmos algumas delas:

National Joint Committee for Learning Disabilities (EUA, 1981):

Distúrbios de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central. Apesar de um distúrbio de aprendizagem poder ocorrer concomitantemente com outras condições desfavoráveis (por exemplo, alteração sensorial, o retardo mental, distúrbio social ou emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é resultado direto dessas condições ou influências. (COLLARES E MOYSÉS, 1992, p. 32)

CID – 10 - Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da Classificação Internacional de Doenças - OMS/1992:

Grupos de transtornos manifestados por comprometimentos específicos e significativos no aprendizado de habilidades escolares. Estes comprometimentos no aprendizado não são resultados diretos de outros transtornos (tais como retardo mental, déficits neurológicos grosseiros, problemas visuais ou auditivos não corrigidos ou perturbações emocionais) embora eles possam ocorrer simultaneamente em tais condições (1993, p. 237).

De acordo com o DSM-IV – (Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria – APA):

Os transtornos de aprendizagem são diagnosticados quando os resultados do indivíduo em testes padronizados e individualmente administrados de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização ou nível de inteligência... Os transtornos de aprendizagem podem persistir até a idade adulta. (1995, p. 46).

Muitas vezes, os transtornos de aprendizagem estão acompanhados de falta de motivação, imaturidade e problemas comportamentais. Conforme já apontado à dificuldade de aprendizagem, não tem causa única que a determine, mas há uma conjugação de fatores que agem frente a uma predisposição momentânea da criança.

Para identificar os transtornos de aprendizagem é preciso que o paciente seja submetido a uma avaliação multidisciplinar (neurologista, fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo e outros). Sendo que os três tipos mais comuns são: Transtornos da leitura; Transtornos da expressão escrita e Transtornos envolvendo a capacidade matemática.

Os Transtornos de aprendizagem afetam a habilidade da pessoa de falar, escutar, ler, escrever, soletrar, pensar, recordar, organizar informações ou aprender a matemática. Muitos transtornos ou distúrbios neurológicos podem atingir tanto crianças quanto adultos, causando problema da fala, de locomoção, de memória, do próprio funcionamento do cérebro (raciocínio) etc. Esses transtornos prejudicam qualquer tipo de aprendizagem. Trataremos apenas dos transtornos que afetam diretamente a aprendizagem escolar.

## **2.1. Transtorno da leitura**

Conhecida também como dislexia. É a dificuldade em aprender a ler, escrever e soletrar, sendo assim, uma pessoa disléxica lê com dificuldade e soletra muito mal, pois é difícil para ela assimilar palavras. E é bom lembrar de que a criança disléxica tem um nível intelectual na média ou acima dela, jamais abaixo.

Quando a dislexia é diagnosticada e tratada precocemente, os impactos emocionais e comportamentais são evitados e a criança consegue suprir suas dificuldades e prosseguir no processo de alfabetização.

## **2.2. Transtornos da escrita**

Conhecido também como disgrafia é a incapacidade na utilização dos símbolos gráficos para exprimir ideias. Caracteriza-se pelo traçado irregular das letras e pela má distribuição das palavras no papel. A criança consegue copiar um texto, porém quando o mesmo texto é ditado, ou então quando esse texto é uma dissertação, surgem sérios problemas de escrita. Disgrafia é uma alteração da escrita normalmente ligada a problema perceptivo-

motores. Os problemas da escrita atrapalham a comunicação e exigem muito esforço dos estudantes, que, por vezes, ficam com pouca energia para prestar atenção no conteúdo do texto.

Como estratégia para adaptação de pequeno porte sugere-se a utilização de linhas coloridas para marcação espacial na lousa, fazendo uso novamente da associação cognitiva simples de conceitos, permitindo a ativação seletiva e a capacidade de transpor informações abstratas ao concreto. A criança com transtorno de disgrafia tem dificuldade também de amarrar sapato, imitar movimentos e outros. “Normalmente, o computador é um grande aliado no tratamento dessas crianças”, afirma Sandra Torresi, da Universidade de Morón.

### **2.3. Disortografia**

A disortografia caracteriza-se por um quadro com importante dificuldade no aprendizado e do desenvolvimento da habilidade da linguagem escrita expressiva, associada ou não a Dislexia. Os principais sintomas deste quadro de Transtorno de Aprendizagem são: troca de grafemas, devido à inabilidade de discriminação auditiva; dificuldade em perceber sinalizações gráficas; limitações em fazer uso coordenado das orações acarretando em produções textuais extremamente pobres e resumido, bem como aglutinação e segmentação indevida de palavras.

Em sala de aula, o aluno com este quadro apresenta importante inabilidade em sua produção textual, caracterizada por textos objetivos, curtos, com limitações quanto à pontuação e sequencia lógica de ideias, desorganização espacial, não utilizando margem, espaçamento em frases e letras maiúsculas.

Sugestão de como trabalhar neste caso, usar cartões de apoio visual para ajudar o aluno organizar e sequenciar suas produções; estes cartões devem conter as etapas textuais: quem, onde, quando, o quê, como e por que, facilitando a organização cognitiva do aluno com disortografia e conseqüentemente sua produção. Outra sugestão proposta é o uso de folhas compartilhadas de acordo com as etapas que compõe um texto: introdução, desenvolvimento e conclusão, fazendo com que uma construção abstrata cognitiva, passe a ter um apoio perceptivo concreto, facilitando, sua aprendizagem. Os jogos também ajudam no desenvolvimento como: desenhos incompletos para serem completados, jogos com figuras (mico), jogos com bonecas para discernir diferenças e semelhanças; dedoche, memória, dominó de figuras; encaixe de diferentes formas e outros.

### **2.4. Dislalia**

A dislalia é o transtorno de linguagem mais comum em crianças e o mais fácil de identificar. A dislalia é um distúrbio da fala que se caracteriza pela dificuldade de articulação de palavras: o portador da dislalia pronuncia determinadas palavras de maneira errada, omitindo, trocando, transpondo, distorcendo ou acrescentando fonemas ou sílabas a elas.

Quando se encontra um paciente dislático, devem-se examinar os órgãos da fala e da audição a fim de se detectar se a causa da dislalia é orgânica (mais rara de acontecer, decorrente de má-formação ou alteração dos órgãos da fala e audição), neurológica ou funcional (quando não se encontra qualquer alteração física a que possa ser atribuída à dislalia). A dislalia também pode interferir no aprendizado da escrita tal como ocorre com a fala. A maioria dos casos de dislalia ocorre na primeira infância, quando a criança está aprendendo a falar. As principais causas, nestes casos, decorrem de fatores emocionais, como, por exemplo, ciúme da chegada de um irmão, separação dos pais ou convivência com pessoas que apresentam esse problema (babás ou responsáveis, por exemplo, que dizem “pobrema”, “Framengo”, etc.), e a criança acaba assimilando essa deficiência.

É o transtorno de linguagem mais comum em meninos. Pode apresentar-se entre os 3 e 5 anos, com alterações na articulação dos fonemas. O diagnóstico de um menino com dislalia revela-se quando se nota que é incapaz de pronunciar corretamente os sons vistos como normais segundo sua idade e desenvolvimento. Uma criança com dislalia pode substituir uma letra por outra, ou não pronunciar consoantes.

Uma dica fundamental para os pais e familiares do dislático é não ficar achando engraçadinho quando a criança pronuncia palavras de maneira errada, como “Tota-Tola”, ao invés de “Coca-Cola”.

## **2.5. Transtornos da matemática**

Também conhecido como discalculia, não é relacionado à ausência de habilidades matemáticas básicas, como contagem, e sim à forma com que a criança associa essas habilidades com o mundo que o cerca. Cabe ressaltar que a Discalculia se apresenta como sintoma de alguns quadros específicos como Epilepsia, Fenilcetonúria, Síndrome X Frágil e crianças com baixo peso ao nascer (PIG). As crianças que apresentam esta disfunção estrutural cometem uma variedade de erros na aquisição de conceitos matemáticos, bem como de outras atividades que exigem raciocínio, é afetada nesse transtorno, cuja baixa capacidade para manejar números e conceitos matemáticos não é originada por lesão ou outra causa orgânica. Falha na aquisição da capacidade e na habilidade de lidar com conceitos e símbolos matemáticos. Basicamente, a dificuldade está no reconhecimento do número e do raciocínio

matemático. A discalculia já pode ser notada a partir da pré-escola, quando a criança tende a ter dificuldades em compreender os termos já utilizados, como igual, diferente, porém somente após a introdução de símbolos e conceitos mais específicos é que o problema se acentua e sim já pode ser diagnosticado.

Uma das estratégias utilizadas em experiência própria na prática clínica e docente, refere-se à associação cognitiva simples de conceitos, ou seja, procurar estruturar legendas associadas a cores, pois esta caracteriza uma construção cognitiva elementar geralmente bem aprendida, com os símbolos matemáticos. Com isso o aluno terá mais facilidade e sucesso em recordar o conceito e os passos a serem seguidos no momento da operação, diminuindo muito a possibilidade de erro diante às informações lógico-matemáticas. A cada acerto, a criança deve ser reforçada. Jogos também ajudam como: cuboteca, combiletras, senha, labirinto, etc.

As crianças com transtornos de aprendizagem podem apresentar dificuldades para se comunicar. Algumas podem se sentir inicialmente frustradas e mais tarde desenvolver problemas comportamentais, como se distrair facilmente, ser hiperativas, retraídas, tímidas ou agressivas. Portanto, essas crianças que não conseguem ler ou aprender no nível esperado considerando suas habilidades verbais ou intelectuais devem ser avaliadas. Devem ser realizados exames de audição e de vista, uma vez que problemas com esses sentidos também podem interferir nas habilidades de ler e escrever. Distúrbios da audição e da visão não devem ser confundidos com distúrbios de aprendizagem.

É importante uma avaliação multidisciplinar com o acompanhamento de profissionais especialistas, como psicopedagogos, fonoaudiólogos, neurologistas infantis e psicólogos.

Os professores devem analisar o rendimento escolar e as dificuldades encontradas. A partir disso, modificar a proposta didática e observar o quadro apresentado pelo aluno. Logo após, enviar relatório que descreve a situação da criança à equipe multidisciplinar.

Vale ressaltar que o tratamento mais útil para um distúrbio de aprendizagem é uma educação feita cuidadosamente sob medida para a criança, individualmente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As dificuldades de aprendizagem estão cada vez mais presentes na escola. Os alunos com transtornos de aprendizagem podem aprender tanto quanto outros alunos que não tem esses problemas, além disso, a educação, sendo um direito assegurado pela legislação desse país, deve ser promovida a todos os indivíduos de modo indistinto.

Essas dificuldades de aprendizagem devem ser levadas em conta não como fracassos, mas como desafios a serem enfrentados. No entanto, não existe uma fórmula mágica para resolver os problemas que são diferentes para cada aluno, mas sim metodologias diferenciadas e amor, para que respondam às necessidades de cada criança dando oportunidade ao aluno de ser e de reconstruir-se enquanto ser humano e individual.

A escola precisa e deve ser um ambiente agradável que privilegie o desenvolvimento da aprendizagem, pois o aluno, através deste, convive com novos conhecimentos e pessoas diferentes. As escolas devem buscar formas de prevenção nas propostas de trabalho, preparar os professores para entenderem os alunos, respeitar o ritmo de cada um, percebendo que cada criança tem uma maneira de desabrochar, um aluno bem assistido desenvolve com prazer sua capacidade intelectual cognitiva. De modo que o professor deverá buscar meios e alternativas para que seu aluno aprenda e aprecie bem as atividades propostas para o ensino e a aprendizagem. Ensinante e aprendente juntos em busca de aprendizagens e conquistas.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. Novak, J. e Hanesian, H. *Educational Psychology: A Cognitive View*. Nova Iorque: Holt, Rinehartand Winston. (1978).

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. *A História não Contada dos Distúrbios de Aprendizagem*. Cadernos CEDES nº 28, Campinas: Papirus, pp. 31-48, 1992.

DROUET, Ruth Caribe da rocha. *Distúrbios da aprendizagem*. São Paulo, editora ática, 2001.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado e TERÁN, Nora Espinosa. *Dificuldades de Aprendizagem: Manual de Orientação para pais e professores*. Editora Cultural: São Paulo, 2009.

MORIN, E. *Problemas de uma epistemologia complexa*. Lisboa: Europa-América, 1996.

RELVAS, Marta Pires. *Neurociência e educação: potencialidades dos gêneros humanos na sala de aula*. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

TOPCZEWSKI, Abram. *Aprendizado e suas habilidades - Como lidar?*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.